

Patricia Hill Collins

**PENSAMENTO
FEMINISTA
NEGRO**



© desta edição, Boitempo, 2019

© Patricia Hill Collins, 2000, 2009

Excerto traduzido de: *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*, © 2000, 2009, Routledge, All Rights Reserved

Authorised translation from the English language edition published by Routledge,
a member of the Taylor & Francis Group LLC

Direção editorial Ivana Jinkings

Edição André Albert

Assistência editorial Artur Renzo e Carolina Mercês

Tradução Jamille Pinheiro Dias

Preparação Mariana Echalar

Revisão Carolina Mercês

Coordenação de produção Livia Campos

Diagramação A2

Capa Heleni Andrade

Equipe de apoio: Ana Carolina Meira, Andréa Bruno, Bibiana Leme, Clarissa Bongiovanni, Débora Rodrigues, Eduardo Marques, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Higor Alves, Isabella Marcatti, Ivam Oliveira, Joanes Sales, Kim Doria, Luciana Capelli, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Raí Alves, Talita Lima, Tulio Candiotto

Exemplar de cortesia. É vedada a comercialização deste livreto, bem como a reprodução de qualquer parte dele sem a expressa autorização da editora.

Este livreto contou com o apoio da gráfica Rettec, da International Paper e da Labate Papéis.




INTERNATIONAL PAPER




1ª edição: março de 2019

Impresso em papel Chambril Avena 80 g/m², da International Paper, pela gráfica Rettec.

BOITEMPOEDITORIAL.COM.BR

 /blogdaboitempo.com.br

 /boitempo

 @editoraboitempo

 /tvboitempo

 @boitempo

A mulher negra como teórica social crítica*

“Até quando as nobres filhas da África serão forçadas a deixar que seu talento e seu pensamento sejam soterrados por montanhas de panelas e chaleiras de ferro?”, indagou Maria W. Stewart em 1831. Órfã desde os cinco anos de idade, entregue aos serviços da família de um clérigo como trabalhadora doméstica, Stewart lutou para se educar quando e onde pôde, de maneira fragmentada. Essa intelectual negra é uma pioneira: foi a primeira mulher nos Estados Unidos a proferir discursos sobre questões políticas e a legar cópias de seus textos, e ainda prenunciou uma miríade de questões que seriam retomadas pelas feministas negras que a sucederam¹.

Maria Stewart incentivou as afro-americanas a rejeitar as imagens negativas da condição feminina negra, tão presentes em seu tempo, assinalando que as opressões de raça, gênero e classe eram as causas fundamentais da pobreza das mulheres negras. Em um discurso realizado em 1833, declarou que, “assim como o rei Salomão, que não pegou em prego nem em martelo na construção de seu templo, mas levou os louros por ele, os estadunidenses brancos levam o mérito [...] quando, na realidade, sua principal base e alicerce fomos nós [homens e mulheres negros]”. Stewart protestou contra a injustiça dessa situação: “Nós fomos atrás das sombras; eles ficaram com a matéria. Nós fomos incumbidos do trabalho; eles ficaram com os rendimentos. Nós plantamos as vinhas; eles comeram os frutos”².

* Este texto é um excerto do capítulo “A política do pensamento feminista negro”, que faz parte do livro *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, de Patricia Hill Collins, a ser lançado pela Boitempo em 2019. (N. E.)

¹ Marilyn Richardson (org.), *Maria W. Stewart: America's First Black Woman Political Writer* (Bloomington, Indiana University Press, 1987).

² *Ibidem*, p. 59.

Maria Stewart não se contentou em apenas indicar a fonte da opressão das mulheres negras. Ela incentivou as mulheres negras a criar definições próprias de autoconfiança e independência. “É inútil continuarmos sentadas, de braços cruzados, repreendendo os brancos. Isso não vai contribuir para melhorar nossa condição”, exortou. “Tenham espírito de independência [...]. Tenham o espírito dos homens, ousado e intrépido, destemido e inabalável.”³ O poder de autodefinição era essencial para Stewart, pois a sobrevivência das mulheres negras estava em jogo. “Lutem pela defesa de seus direitos e privilégios. Conheçam as razões que as impedem de ter acesso a eles. Insistam até levá-los à exaustão. Tentar talvez nos custe a vida, mas não tentar certamente nos levará à morte.”⁴

Stewart também incentivou as mulheres negras a usar seu papel específico como mães para constituir mecanismos poderosos de ação política. “Ah, mães, que responsabilidade lhes cabe!”, clamou ela. “Almas lhes foram confiadas [...]. São vocês que devem cultivar a sede de conhecimento, o amor à virtude [...] e um coração puro em suas filhas e em seus filhos.” Stewart tinha consciência da magnitude da tarefa. “Não digam que não podem fazer nada por seus filhos; digam [...] que vão tentar.”⁵

Maria Stewart foi uma das primeiras feministas negras nos Estados Unidos a valorizar a importância das relações das mulheres negras umas com as outras para criar uma comunidade própria de ativismo e autodeterminação. “Até quando dirão que as filhas da África não têm ambição nem força?”, perguntou ela. “Chega. Que os corações femininos se unam pela criação de um fundo; daqui a um ano e meio, talvez já tenhamos o suficiente para construir uma escola secundária, a fim de desfrutarmos dos mais altos ramos do conhecimento.”⁶ Stewart viu o potencial do ativismo das mulheres negras como educadoras e recomendou: “Voltem-se para o conhecimento e o aprimoramento, porque conhecimento é poder”⁷.

Embora Stewart falasse pouco da política sexual da época em seus discursos, o conselho que oferecia às afro-americanas sugere que ela tinha consciência pungente do abuso sexual que as mulheres negras sofriam. Ela seguiu defendendo “a

³ Ibidem, p. 53.

⁴ Ibidem, p. 38.

⁵ Ibidem, p. 35.

⁶ Ibidem, p. 37.

⁷ Ibidem, p. 41.

virtude e os princípios puros da moralidade”⁸ para as mulheres negras. Já para os brancos que pensavam que as mulheres negras eram inerentemente inferiores, sua resposta foi mordaz: “Nossa alma se inflama com o mesmo amor à liberdade e à independência que a de vocês [...]. Tem muito do sangue de vocês correndo em nossas veias, tem muito da cor de vocês em nossas peles, para não termos também seu espírito”⁹.

Apesar do valor intelectual de Maria Stewart, o pensamento dessa mulher extraordinária chegou a nós apenas em fragmentos dispersos que não somente revelam seu brilhantismo como também demonstram eloquentemente o destino de muitas intelectuais negras. Existem muitas outras Maria Stewart: afro-americanas cujas ideias e cujos talentos acabaram suprimidos pelas panelas e chaleiras de ferro que simbolizam sua subordinação¹⁰. Muitas intelectuais afro-americanas trabalharam em condições de isolamento e obscuridade e, como Zora Neale Hurston, jazem em túmulos não identificados.

Algumas tiveram mais sorte, pois acabaram conhecidas, sobretudo graças aos esforços de acadêmicas negras contemporâneas¹¹. Como Alice Walker, essas acadêmicas sentem que “um povo não descarta seus gênios” e, “se vier a descartá-los, é nosso

⁸ Ibidem, p. 31.

⁹ Ibidem, p. 40.

¹⁰ Beverly Guy-Sheftall, “Remembering Sojourner Truth: On Black Feminism”, *Catalyst*, 1986, p. 54-7. Várias intelectuais negras investigaram temas centrais propostos inicialmente por Maria W. Stewart. Ver Gloria T. Hull, Patricia Bell Scott e Barbara Smith (orgs.), *But Some of Us Are Brave* (Old Westbury, Feminist Press, 1982). Já *The Afro-American Woman: Struggles and Images* (Port Washington, Kennikat, 1978), inovadora coletânea de ensaios sobre a história das mulheres negras organizada por Sharon Harley e Rosalyn Terborg-Penn, prefigurou a publicação de outros livros sobre a história das mulheres negras, como os de Paula Giddings, *When and Where I Enter... The Impact of Black Women on Race and Sex in America* (Nova York, William Morrow, 1984), e Deborah Gray White, *Ar'n't I a Woman? Female Slaves in the Plantation South* (Nova York, W. W. Norton, 1985), além da importante enciclopédia histórica de Darlene Clark Hine, Elsa Barkley Brown e Rosalyn Terborg-Penn (orgs.), *Black Women in America: An Historical Encyclopedia* (Nova York, Carlson, 1993). Houve igualmente um importante florescimento na crítica literária das mulheres negras, como evidencia a publicação de estudos minuciosos sobre escritoras negras, como Barbara Christian, *Black Feminist Criticism: Perspectives on Black Women Writers* (Nova York, Pergamon, 1985), Hazel Carby, *Reconstructing Womanhood: The Emergence of the Afro-American Woman Novelist* (Nova York, Oxford University Press, 1987), e Ann duCille, *Skin Trade* (Cambridge, MA, Harvard University Press, 1996).

¹¹ Darlene Clark Hine, Elsa Barkley Brown e Rosalyn Terborg-Penn (orgs.), *Black Women in America*, cit.; Beverly Guy-Sheftall (org.), *Words of Fire: An Anthology of African American Feminist Thought* (Nova York, New Press, 1995).

dever, como artistas, acadêmicas e pessoas que dão testemunho ao futuro, recuperá-los para o bem de nossos filhos e filhas [...], osso por osso*, se for preciso”¹².

O doloroso processo de reunir ideias e realizações de mulheres negras que, como Maria Stewart, foram “descartadas” levou a uma importante descoberta. Intelectuais negras firmaram bases analíticas cruciais para uma visão diferente do eu, da comunidade e da sociedade; dessa forma, criaram uma multifacetada tradição intelectual de mulheres afro-americanas. Embora existam claras descontinuidades nessa tradição – momentos em que as vozes das mulheres negras mostraram toda sua força e outros em que foi fundamental adotar tons mais discretos –, a coerência temática da obra de Maria W. Stewart e de suas sucessoras é uma das dimensões poderosas de suas ideias.

Se existe essa tradição intelectual tão rica, por que ela continua praticamente invisível? Em 1905, Fannie Barrier Williams lamentou o fato de que “a menina de cor [...] não é conhecida e, portanto, não se acredita nela; ela pertence a uma raça que costuma ser designada pela palavra ‘problema’ e vive à sombra desse problema que a cerca e obscurece”¹³. Por que nós, mulheres afro-americanas, não somos conhecidas? Por que não acreditam em nós?

A sombra que obscurece essa complexa tradição intelectual das mulheres negras não é nem acidental nem benigna. Suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para sua própria vitimização¹⁴. A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas também na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para a manutenção de desigualdades sociais. Mulheres negras que se dedicam a reivindicar e construir conhecimentos sobre mulheres negras costumam chamar a atenção para a política de supressão que seus projetos enfrentam. Várias autoras da coletânea organizada por Heidi Mirza

* Referência à busca de Walker pelo túmulo de Zora Neale Hurston, por muito tempo não identificado. (N. E.)

¹² Alice Walker, *In Search of Our Mother's Gardens* (Nova York, Harcourt Brace Jovanovich, 1983), p. 92.

¹³ Fannie Barrier Williams, “The Colored Girl”, em Mary Helen Washington (org.), *Invented Lives: Narratives of Black Women 1860-1960* (Garden City, NY, Anchor, 1987), p. 150.

¹⁴ James C. Scott, *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance* (New Haven, Yale University Press, 1985).

sobre o feminismo negro britânico¹⁵, por exemplo, falam de sua invisibilidade e de seu silenciamento no Reino Unido contemporâneo. Da mesma forma, a empresária sul-africana Danisa Baloyi relata seu espanto diante da invisibilidade da produção acadêmica das mulheres africanas nos Estados Unidos:

Como estudante fazendo pesquisa nos Estados Unidos, fiquei impressionada com a [pequena] quantidade de informações sobre as mulheres sul-africanas negras, e chocado com o fato de que apenas uma quantidade mínima disso tivesse sido escrita por mulheres negras.¹⁶

Apesar dessa supressão, mulheres negras estadunidenses conseguiram desenvolver seu trabalho intelectual e fazer com que nossas ideias fossem levadas em conta. Sojourner Truth, Anna Julia Cooper, Ida B. Wells-Barnett, Mary McLeod Bethune, Toni Morrison, Barbara Smith e inúmeras outras lutaram e lutam com firmeza para serem ouvidas. Escritoras africanas como Ama Ata Aidoo, Buchi Emecheta e Ellen Kuzwayo usaram sua voz para levantar questões importantes que afetam as mulheres negras africanas¹⁷. Como a obra de Maria W. Stewart e, transnacionalmente, de outras mulheres negras, o trabalho intelectual das afro-americanas tem contribuído para promover o ativismo feminino negro.

Essa dialética da opressão e do ativismo, ou seja, a tensão entre a supressão das ideias das afro-americanas e nosso ativismo intelectual contra essa supressão, constitui a política do pensamento feminista negro nos Estados Unidos. Compreender essa relação dialética é crucial para identificarmos como o pensamento feminista negro nos Estados Unidos – seus temas centrais, sua importância epistemológica e suas conexões com a prática feminista negra nacional e transnacional – está fundamentalmente inscrito em um contexto político que desafia o próprio direito de existência dessas ideias.

[...]

¹⁵ Heidi Safia Mirza (org.), *Black British Feminism: A Reader* (Nova York, Routledge, 1997).

¹⁶ Danisa E. Baloyi, “Apartheid and Identity: Black Women in South Africa”, em Achola O. Pala (org.), *Connecting across Cultures and Continents: Black Women Speak Out on Identity, Race and Development* (Nova York, United Nations Development Fund for Women, 1995), p. 41.

¹⁷ Adeola James, *In Their Own Voices: African Women Writers Talk* (Portsmouth, NH, Heinemann, 1990).

O PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO COMO TEORIA SOCIAL CRÍTICA

Ainda que não pareçam, situações como a supressão das ideias das mulheres negras na academia tradicional e as tensões nas críticas a esse conhecimento estabelecido são inerentemente instáveis. As condições da economia política mais ampla moldam a subordinação das mulheres negras e, ao mesmo tempo, estimulam o ativismo. Em certo nível, os oprimidos têm, em geral, consciência disso. Para as mulheres afro-americanas, o conhecimento adquirido nas opressões interseccionais de raça, classe e gênero incentiva a elaboração e a transmissão dos saberes subjugados¹⁸ da teoria social crítica das mulheres negras¹⁹.

Como grupo historicamente oprimido, as estadunidenses negras produziram um pensamento social concebido para se opor à opressão. A forma assumida por esse pensamento não apenas diverge da teoria acadêmica padrão – pode tomar a forma de poesia, música, ensaios etc. –, mas o *propósito* do pensamento coletivo das mulheres negras é distintamente diferente. As teorias sociais que surgem de e/ou em nome das estadunidenses negras e de outros grupos historicamente oprimidos visam encontrar maneiras de escapar da, sobreviver na e/ou se opor à injustiça social e econômica prevalente. Nos Estados Unidos, por exemplo, o pensamento social e político afro-americano analisa o racismo institucionalizado não para ajudá-lo a funcionar de maneira mais eficiente, mas para resistir a ele. O feminismo defende a emancipação e o empoderamento das mulheres, o pensamento social marxista visa a uma sociedade mais equitativa, enquanto a teoria *queer* se opõe ao heterossexismo. Fora dos Estados Unidos, muitas mulheres de

¹⁸ O modo como utilizo o termo “saberes subjugados” difere um pouco da definição de Michel Foucault. De acordo com Foucault, os saberes subjugados são “blocos de conhecimento histórico que estavam presentes, mas foram ocultados”, ou seja, “todo um conjunto de saberes que foram desqualificados porque não estavam à altura de sua tarefa ou não eram suficientemente elaborados: saberes ingênuos, situados em uma posição inferior na hierarquia, aquém do nível exigido de cognição ou cientificidade”. Ver Michel Foucault, *Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings, 1972-1977* (Nova York, Pantheon, 1980), p. 82. Defendo que o pensamento feminista negro não é um “saber ingênuo”, mas foi feito para parecer ingênuo por aqueles que controlam os procedimentos de validação do saber. Além disso, Foucault argumenta que os saberes subjugados são “particulares, locais e regionais, saberes diferenciais inaptos à unanimidade e que devem sua força apenas à aspereza com que se opõem a tudo que os cerca” (ver *idem*). O componente do pensamento feminista negro que analisa a opressão das mulheres negras condiz parcialmente com essa definição, mas as influências independentes e de longa data derivadas de matrizes africanas que estão presentes no pensamento das mulheres negras são omitidas na análise de Foucault.

¹⁹ Patricia Hill Collins, *Fighting Words: Black Women and the Search for Justice* (Minneapolis, University of Minnesota Press, 1998), p. 3-10.

grupos oprimidos também buscam compreender as novas formas de injustiça. Em um contexto transnacional pós-colonial, mulheres de Estados-nação recentes e muitas vezes governados por negros no Caribe, na África e na Ásia têm lidado com novos significados ligados à etnia, à cidadania e à religião. Em Estados-nação europeus cada vez mais multiculturais, mulheres imigrantes de ex-colônias têm deparado com novas formas de subjugação²⁰. Teorias sociais produzidas por mulheres oriundas de grupos diversos não costumam surgir da atmosfera etérea de sua imaginação. Ao contrário, elas refletem o esforço dessas mulheres para lidar com experiências vividas em meio a opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, nação e religião²¹.

O pensamento feminista negro, a teoria social crítica das estadunidenses negras, reflete relações de poder semelhantes. Para as afro-americanas, a teoria social crítica abrange conjuntos de conhecimentos e práticas institucionais que tratam ativamente das principais questões enfrentadas pelas estadunidenses negras como coletividade. Tal pensamento é necessário porque as afro-americanas como *grupo* permanecem oprimidas em um contexto nacional caracterizado pela injustiça. Isso não significa que todas as afro-americanas desse grupo sejam oprimidas da mesma maneira nem que umas não oprimam as outras. A identidade do pensamento feminista negro como teoria social “crítica” reside em seu compromisso com a justiça, tanto para as estadunidenses negras como coletividade quanto para outros grupos oprimidos.

Ao longo da história, dois fatores estimularam a teoria social crítica das afro-americanas. Por um lado, antes da Segunda Guerra Mundial, a segregação racial na moradia urbana se tornou tão arraigada que a maioria das afro-americanas vivia circunscrita a bairros negros onde seus filhos frequentavam escolas predominantemente negras e onde elas próprias faziam parte de igrejas e organizações comunitárias exclusivamente negras. Embora a guetização tenha sido projetada para fomentar o controle político e a exploração econômica dos negros estadunidenses²², a vizinhança exclusivamente negra também serviu como um espaço à parte, no qual

²⁰ Nira Yuval-Davis, *Gender and Nation* (Thousand Oaks, Sage, 1997).

²¹ Ver, por exemplo, M. Jacqui Alexander e Chandra Talpade Mohanty (orgs.), *Feminist Genealogies, Colonial Legacies, Democratic Futures* (Nova York, Routledge, 1997), e Heidi Safia Mirza (org.), *Black British Feminism*, cit.

²² Gregory D. Squires, *Capital and Communities in Black and White: The Intersections of Race, Class, and Uneven Development* (Albany, State University of New York Press, 1994).

mulheres e homens afro-americanos puderam usar ideias de matriz africana para desenvolver saberes oposicionistas voltados à resistência à opressão racial.

Cada grupo social tem uma visão de mundo em constante evolução que utiliza para ordenar e avaliar suas próprias experiências²³. Para os afro-americanos, essa visão de mundo se originou nas cosmologias de diversos grupos étnicos da África Ocidental²⁴. Ao reter e reelaborar elementos significativos dessas culturas, comunidades de africanos escravizados ofereceram a seus membros explicações da escravidão distintas daquelas dadas pelos proprietários de escravos²⁵. Essas ideias de matriz africana também lançaram as bases das regras de uma sociedade civil distintivamente negra nos Estados Unidos. Mais tarde, o confinamento dos afro-americanos em áreas exclusivamente negras no Sul rural e nos guetos urbanos do Norte promoveu a consolidação de um *éthos* distinto na sociedade civil negra no que diz respeito à linguagem²⁶, à religião²⁷, à estrutura familiar²⁸ e às políticas comunitárias²⁹. Embora tenham sido essenciais para a sobrevivência dos negros estadunidenses como grupo e expressos de formas diferentes de indivíduo para indivíduo, esses saberes foram ao mesmo tempo ocultados dos brancos e suprimidos por eles. Os saberes negros de oposição existiam para resistir à injustiça, mas também permaneciam subjogados.

Como mães, mães de criação, professoras e religiosas, em comunidades rurais e bairros urbanos basicamente negros, as estadunidenses negras participaram da construção e da reconstrução desses saberes oposicionistas. Por meio das experiências vividas em sua família estendida e em sua comunidade, elas deram forma a ideias próprias sobre o significado da condição feminina negra. Quando essas ideias encontraram expressão coletiva, as autodefinições das mulheres negras permitiram

²³ Mechal Sobel, *Trabelin' on: The Slave Journey to an Afro-Baptist Faith* (Princeton, Princeton University Press, 1979).

²⁴ Cheikh Diop, *The African Origin of Civilization: Myth or Reality?* (Nova York, L. Hill, 1974).

²⁵ Herbert Gutman, *The Black Family in Slavery and Freedom, 1750-1925* (Nova York, Random House, 1976); Thomas L. Webber, *Deep like the Rivers* (Nova York, W. W. Norton, 1978); Mechal Sobel, *Trabelin' on*, cit.

²⁶ Geneva Smitherman, *Talkin and Testifyin: The Language of Black America* (Boston, Houghton Mifflin, 1977).

²⁷ Mechal Sobel, *Trabelin' on*, cit.; Peter J. Paris, *The Spirituality of African Peoples: The Search for a Common Moral Discourse* (Minneapolis, Fortress, 1995).

²⁸ Niara Sudarkasa, "Interpreting the African Heritage in Afro-American Family Organization", em Harriette Pipes McAdoo (org.), *Black Families* (Beverly Hills, Sage, 1981), p. 37-53.

²⁹ Elsa Barkley Brown, "Negotiating and Transforming the Public Sphere: African American Political Life in the Transition from Slavery to Freedom", *Public Culture*, v. 7, n. 1, 1994, p. 107-46.

que elas reformulassem as concepções de matriz africana do eu e da comunidade. Essas autodefinições da condição feminina negra foram pensadas para resistir às imagens de controle negativas da condição feminina negra promovidas pelos brancos e às práticas sociais discriminatórias que essas imagens de controle sustentavam. Em suma, a participação das mulheres negras na elaboração de uma cultura afro-americana em constante mudança estimulou visões de mundo especificamente negras e centradas nas mulheres.

Outro fator que estimulou a teoria social crítica das mulheres negras nos Estados Unidos foram as experiências comuns no trabalho. Antes da Segunda Guerra Mundial, as estadunidenses negras trabalhavam principalmente em dois tipos de ocupação: na agricultura e no trabalho doméstico. O fato de terem sido guetizadas no trabalho doméstico desencadeou uma contradição importante. O trabalho doméstico levou à exploração econômica das estadunidenses negras, mas ao mesmo tempo criou condições para formas de resistência especificamente negras e femininas. Permitiu que as mulheres afro-americanas vissem as elites brancas, tanto reais como emergentes, de perspectivas fortemente toldadas para os homens negros e para esses próprios grupos. Em suas “famílias” brancas, as mulheres negras não apenas cumpriam obrigações domésticas como frequentemente criavam fortes laços com as crianças de que cuidavam e com os próprios empregadores. Por um lado, essa relação de dentro satisfazia todos os envolvidos. Relatos de trabalhadoras domésticas negras ressaltam o sentimento de autoafirmação que as mulheres experimentavam ao ver a ideologia racista desmistificada. Por outro lado, essas mulheres negras sabiam que jamais fariam parte de suas “famílias” brancas. Elas eram trabalhadoras economicamente exploradas e, portanto, ficariam sempre de fora. O resultado é que se viram em uma curiosa posição social de *outsider interna* [*outsider-within*]³⁰, uma forma peculiar de marginalidade que originou uma perspectiva específica das mulheres negras em uma série de temas³¹.

Consideradas em conjunto, a participação das mulheres negras na construção da cultura afro-americana em cenários exclusivamente negros e as perspectivas específicas formadas a partir da posição de *outsider interna* no trabalho doméstico

³⁰ Patricia Hill Collins, “Learning from the Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought”, *Social Problems*, v. 33, n. 6, 1986, p. 14-32 [ed. bras.: “Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro”, *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016, p. 99-127].

³¹ Ver, por exemplo, Alice Childress, *Like One of the Family: Conversations from a Domestic's Life* (Boston, Beacon, 1986).

propiciaram o pano de fundo material para um ponto de vista característico das mulheres negras. Quando armadas com crenças culturais desenvolvidas na sociedade civil negra, muitas mulheres negras que faziam trabalho doméstico acabaram constituindo visões específicas das contradições entre as ações e as ideologias do grupo dominante. Além disso, com frequência compartilhavam suas ideias com outras afro-americanas. Nancy White, moradora negra de uma área urbana central de baixa renda, fala da interconexão entre experiências e crenças:

Ora, foi a vida que me ensinou todas essas coisas. Mas não dá para ficar placidamente em um mar de rosas* e achar que tem as rédeas da sua vida. Algumas mulheres, mulheres brancas, podem tomar as rédeas da vida do marido por algum tempo, mas a maioria tem de [...] ver o que o marido diz que há para ser visto. Se ele diz que elas não estão vendo o que elas sabem que *estão* vendo, elas então têm de agir como se não tivessem nada lá!³²

Essa passagem fala não apenas do poder do grupo dominante de suprimir o conhecimento produzido por grupos subordinados, mas também ilustra o fato de que estar na posição de *outsider* interno pode proporcionar novos ângulos de visão sobre a opressão. A negritude de Nancy White** a coloca inevitavelmente em uma posição de exterioridade. Ela nunca poderia ser uma mulher de classe média branca “placidamente em um mar de rosas”. Porém, ao trabalhar para mulheres brancas, pôde ter uma visão privilegiada de algumas das contradições experimentadas por elas quando acreditam ter o controle de sua própria vida, embora estejam sob o poder e a autoridade patriarcais dentro de casa.

Práticas como essas, quer experimentadas pessoalmente, quer transmitidas por relatos de outras mulheres que passaram por elas, levaram muitas estadunidenses negras a questionar as contradições entre as ideologias dominantes da condição feminina nos Estados Unidos e o estado de desvalorização das estadunidenses negras. Se as mulheres são supostamente passivas e frágeis, por que as mulheres negras são tratadas como “mulas” e designadas para tarefas pesadas de

* No original, “*flowery beds of ease*”, expressão usada no hino cristão “Am I a Soldier of the Cross?”. (N. E.)

³² John Langston Gwaltney, *Drylongo: A Self-Portrait of Black America* (Nova York, Vintage, 1980), p. 148.

** No original, há um jogo de palavras intraduzível: “*Ms. White Blackness*” – *White*, sobrenome da pessoa negra citada, significa “branco”. (N. E.)

limpeza? Se as boas mães devem ficar em casa com os filhos e as filhas, por que as estadunidenses negras assistidas por políticas sociais são forçadas a trabalhar e a deixá-los em creches? Se a maternidade é a principal vocação das mulheres, por que as mães adolescentes negras são pressionadas a usar contraceptivos como Norplant e Depo Provera? Na ausência de um feminismo negro viável que investigue como as opressões interseccionais de raça, gênero e classe promovem essas contradições, passar pela experiência de ser uma trabalhadora desvalorizada e uma mãe frustrada poderia facilmente gerar um ângulo de visão voltado para dentro, levando a uma opressão internalizada. Mas o legado de luta das estadunidenses negras sugere que seus conhecimentos oposicionistas e coletivamente compartilhados existem há muito tempo. Essa sabedoria coletiva, por sua vez, tem motivado as mulheres negras estadunidenses a desenvolver um conhecimento mais especializado, a saber, o pensamento feminista negro como teoria social crítica. Assim como o combate à injustiça alicerçou as experiências das estadunidenses negras, a análise e a criação de inventivas respostas à injustiça caracterizam o cerne do pensamento feminista negro.

Ao longo da história, intelectuais negras estadunidenses formadas em condições sociais de segregação racial se esforçaram para desenvolver o pensamento feminista negro como teoria social crítica, ainda que muitas vezes discordassem quanto ao modo de expressá-lo – algumas afro-americanas eram profundamente reformistas, enquanto pensadoras mais radicais tinham uma posição quase revolucionária. Independentemente de classe social e de outras diferenças entre as estadunidenses negras, todas elas foram afetadas de alguma maneira por opressões interseccionais de raça, gênero e classe. As dimensões econômica, política e ideológica da opressão suprimiram a produção intelectual das pensadoras feministas negras. Ao mesmo tempo, essas mesmas condições sociais estimularam entre as estadunidenses negras padrões específicos de ativismo que também influenciaram e foram influenciados pelas pensadoras negras. Assim, caracterizando as experiências das estadunidenses negras marcadas por opressões interseccionais, a dialética entre opressão e ativismo também influenciou as ideias e as iniciativas das intelectuais negras.

A exclusão das ideias das mulheres negras do discurso acadêmico dominante e o curioso posicionamento das intelectuais afro-americanas no pensamento feminista, nas teorias sociais e políticas negras e em outras áreas importantes do pensamento, como os estudos do trabalho, fizeram com que as intelectuais negras estadunidenses se vissem na posição de *outsiders* internas em muitas iniciativas

acadêmicas³³. As realidades das mulheres negras são negadas por todos os pressupostos nos quais se baseia o pertencimento pleno a um grupo: a branquitude como condição para integrar o pensamento feminista, a masculinidade como condição para integrar o pensamento social e político negro, e a combinação de ambas para fazer parte do setor dominante da academia. Impedidas de ocupar uma posição plenamente interna em qualquer uma dessas áreas de pesquisa, as mulheres negras permaneceram em uma situação de *outsiders* internas, como indivíduos cuja marginalidade proporcionou um ângulo de visão específico sobre essas entidades intelectuais e políticas.

O trabalho de Alice Walker dá exemplos dessas influências fundamentais no âmbito da tradição intelectual das mulheres negras. Ela descreve como estar na posição de *outsider* interna influenciou seu pensamento: “Acredito [...] que foi a partir desse período – de minha posição solitária, isolada, uma posição de pária – que comecei realmente a enxergar as pessoas e as coisas, a perceber realmente as relações”³⁴. Walker observa que “a dádiva propiciada pela solidão é, às vezes, ter uma visão radical da sociedade ou de um povo que ainda não tinha sido levada em conta”³⁵. No entanto, a marginalidade não foi o único fator que influenciou seu trabalho. Ao recuperar a obra de Zora Neale Hurston e, por outras vias, conferir centralidade às experiências e à cultura das mulheres negras em seu trabalho, ela se baseia em visões feministas negras alternativas.

³³ Gloria T. Hull, Patricia Bell Scott e Barbara Smith (orgs.), *But Some of Us Are Brave*, cit.; Barbara Christian. “But Who Do You Really Belong to – Black Studies or Women’s Studies?”, *Women’s Studies*, v. 17, n. 1-2, 1989, p. 17-23.

³⁴ Alice Walker, *In Search of Our Mother’s Gardens*, cit., p. 244.

³⁵ *Ibidem*, p. 264.

A AUTORA

Patricia Hill Collins é professora emérita do Departamento de Sociologia da Universidade de Maryland. Foi a primeira mulher negra a presidir a Associação Americana de Sociologia. É considerada, ao lado de Angela Davis e bell hooks, uma das mais influentes pesquisadoras do feminismo negro nos Estados Unidos.

O LIVRO

Pensamento feminista negro é uma obra de referência sobre a epistemologia do pensamento produzido por mulheres negras nos Estados Unidos. O livro explora temas e referências centrais da área, como o cruzamento de opressões de gênero, raça e classe, tratado por Angela Davis em *Mulheres, raça e classe* (Boitempo, 2016).

A SÉRIE DE VÍDEOS

Está rolando, na TV Boitempo, uma série de vídeos conduzida pela autora. Todo mês, um vídeo novo de Patricia Hill Collins discutindo alguns dos principais conceitos e temas de sua obra clássica. Inscreva-se e acompanhe: [youtube.com/tvboitempo](https://www.youtube.com/tvboitempo)

Primeira tradução em língua portuguesa de um marco incontornável da teoria e história do pensamento feminista negro.

“Uma obra desbravadora que produziu diálogos novos e estimulantes tanto entre fronteiras disciplinares quanto entre acadêmicos e ativistas.” – **Angela Davis**

Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento, de Patricia Hill Collins

Julho de 2019 nas livrarias.